

JOSÉ BARBOSA

A ESCUTA DO TEMPO - JAVARI

CURADORIA JOANA D'ARC LIMA

**CHRISTAL
GALERIA**

JOSÉ BARBOSA

A ESCUTA DO TEMPO - JAVARI

Falamos do passado como algo que não tem retorno. Nem observamos que acumulamos conhecimentos e tradições. Não faltam lembranças. Elas formam nossa memória. Repetimos, muitas vezes, o que já foi dito. Não faltavam passados que moram na cultura e inquietam as experiências (A. P. Resende).

Escutar o tempo exige atenção e silêncio. Desenhar no tempo a própria existência mítica, lírica, sagrada e ancestral pede sensibilidade, entrega e coragem. José Barbosa é desses artistas que desenha a complexidade da existência humana em um tempo vasto e na longa duração. O passado se torna longínquo para um artista que nasceu em 1948, o presente se impõe no tempo do agora chamando-o para se posicionar e o futuro tende a diminuir. O tempo, então, traz um fluxo de imaginação incrível, a sua marca se fixa nos corpos, nos objetos, na paisagem presentes nas escritas visuais desse artista nascido em Olinda/PE, filho de dona Aurelina, devota de Nossa Senhora da Conceição (Iemanjá), imaginária recorrente em suas obras, e, do senhor Ernani, exímio marceneiro restaurador e o primeiro mestre de José Barbosa, depois vieram outros.

O artista escreve em suas plurais linguagens - a pintura, o desenho, a gravura, a talha ou escultura -, as subjetividades interiores, sonhos e devaneios, também, os acontecimentos e fatos do mundo objetivo que o marca existencialmente. Sobre isso considera Montez Magno¹ em um texto que apresenta

¹Magno, Montez. JOSÉ Barbosa: 15 aquarelas e 14 talhas. Escritório de Arte, 1981.

Barbosa ao público, que a representatividade desse mundo visto, vivido e retraduzido pelo artista, está ligada teluricamente à paisagem real e mitológica da sua sempre presente cidade de Olinda. Nesse sentido aproximo José Barbosa por meio dessa maneira onírica e até mesmo fantástica de narrar uma cidade, como o fez Gabriel Garcia Marques no livro *Cem Anos de Solidão* que narra a história de *Macondo* e suas situações de tempos mágicos, imaginados e fantásticos. Sabem ambos narradores que a imaginação desenha aventuras e ajuda a fugir do lugar comum.

Assim, José Barbosa narra a passagem do tempo em Olinda e agrega a isso outras referências das demais cidades onde habitou, incorporando e assimilando sutilmente alguns elementos presentes na produção da arte (nacional/internacional), "incluindo-se entre elas o uso deliberado da perspectiva linear, em alguns trabalhos ou de algo ligado à nova figuração. (...) em algumas paisagens mais recentes, nas quais massas de manchas difusas impregnam as suas aquarelas de uma expressiva indefinição que se situa no mundo da passagem do não ser para o ser" (Magno, 1981).

Essa exposição intitulada, José Barbosa: **A Escuta do Tempo - Javari** na **Christal Galeria** pretende trazer ao público a produção do artista em tempos dispersos de sua criação, ou seja, apresentar um conjunto de trabalhos realizados numa duração temporal entre os anos 1970 à atualidade. Um conjunto de poéticas que

desencadeiam reflexões sobre as permanências e os deslocamentos temáticos, as insistências e as incorporações de elementos formais, estéticos e poéticos em sua produção. Assim, o tempo é nosso fio condutor, entretanto não o tempo cronológico, encadeado, homogêneo, mas, o tempo mítico, sagrado, telúrico, fantástico – onde tudo é possível – construído pelo artista na representação visual de si, do seu entorno e do mundo. Para suportar muitas vezes as tragédias que assolam nossas vidas imaginamos outro mundo, outras histórias, outros/as nós – como o fez Balthus, Cícero Dias, Dalí, Frida Kahlo, Ghita Charifker, Maria Carmem, Matisse e tantos outros/as.

Não obstante, essa exposição está ancorada em trabalhos inéditos do artista, criados exclusivamente para essa mostra. O agora de José Barbosa, um artista de 74 anos, que tocado pelo presente – sem deixar sua trajetória e sua poética de lado, ao contrário carregando esse legado, tal qual um velho griô – criou obras que dão respostas éticas/poéticas para o nosso tempo do agora. Os trabalhos produzidos para a **Christal Galeria** carregam uma vitalidade cromática e força visual impressionantes. Pinturas que jorram, em cromatismos vibrantes e figurações difusas muitas vezes, carregadas de manchas cromáticas que se impõem como uma crítica ao nosso tempo, sem deixar de produzir citações de terras distantes e sonâmbulas.

Não há nessa exposição a pretensão de construir uma narrativa visual por meio de uma sequência cronológica exata e linear, outrossim, o desejo é o de realizar conexões entre os trabalhos do presente, passando pelas duas décadas do novo milênio, atravessando os anos 1990, 1980 – período de grande vitalidade e de dedicação do artista na pintura acrílica sobre papel – e chegando aos anos 1970, como a feitura de uma cartografia, um mapa que nos guie pela vasta produção desse artista e que possa dar a ver uma unidade formal, visual e quiçá poética da construção narrativa do nosso Gabriel Garcia Marques das artes visuais em Pernambuco.

Na exposição ***A Escuta do Tempo – Javari*** chamamos atenção para o tríptico intitulado *Javari – homenagem a Dom e Pereira*, que consideramos como um manifesto visual que o artista produziu impactado (como todo/as nós!), com um país que historicamente mata seu povo originário e aqueles/as que se colocam como aliados/as na luta pela preservação da natureza, tema e gênero (paisagem) recorrente na produção visual do artista. José Barbosa, mais uma vez, insiste em nos lembrar que somos natureza, somos violentos/as e trágicos/as, ambíguos/as e complexos/as.

Ainda, dentro desse conjunto de poéticas inéditas, chamamos atenção para outro tríptico nomeado por *Paisagem com pássaro verde*, que explode em manchas cromáticas: aquece o olhar e o corpo todo,

mantendo a chama acesa do esperar por um outro devir. Certamente nota-se que o artista prima pela beleza. Além, das pinturas, *O Grande Peixe I - Alexandre III* e *O Grande Peixe II - Nefertiti En Grès, 2022* - para quem conhece a vasta produção de Barbosa tal representação sígnica marca presença em inúmeras de suas pinturas. Nessa versão realizada em 2022, o Grande Peixe engole e é engolido pelos mais variados elementos da natureza e figuras simbólicas que tecem uma urdidura narrativa, ora onírica, ora fantástica, ora repleta de citações da história do mundo antigo grego e do Egito.

No conjunto de trabalhos que sustentam citações da cultura de matriz africana contamos com a pintura *Ori, 2022*, e com a escultura *Sankofa, 2020*. A representação do pássaro Sankofa, outra imagem recorrente em sua produção, habita telas, pinturas sobre papel, esculturas em madeira e em seus belíssimos entalhes. Prova, inconsciente segundo o artista, de sua memória e ancestralidade da cultura de matriz africana.

Há ainda, para além dos trabalhos já citados, poéticas que se conectam entre si nesse conjunto de trabalhos datados entre 1970-2022. A presença da figura feminina que ronda as narrativas do artista, ora nos retratos, ora em cenas eróticas, ora na representação simbólica da natureza como símbolo da origem da vida, da mãe terra. Essas narrativas de certa maneira

homenageiam a força e a presença da mulher em torno das experiências de sociabilidades de José Barbosa: sua avó dona Biu (parteira e rezadeira, que praticamente o criou, pois dona Aurelina, se ocupava da existência dos 16 filhos/as), também chamamos atenção para a presença de Ghita Charifker (sobre isso selecionamos duas pinturas sobre papel da série, *A Casa de Ghita*, ainda não exibida para o grande público, que revelam encontros constantes entre ambos) e todas as demais mulheres reais e imaginadas, que tiveram suas existências apreendidas pela mão do artista.

Entre a ficção e a não ficção, o delírio e o sonho, a vigília e a vertigem o artista se manifesta e se afirma. Neste sentido acompanho a afirmação da escritora Carola Saavedra (2022), a ideia básica que não há uma diferença psíquica entre o que vivenciamos na vigília e aquilo que sonhamos ou alucinamos, ao contrário, é no sonho, no sintoma, que está a “verdade” do sujeito. Eis aqui nesta exposição fragmentos visuais carregados de memórias e histórias do artista José Barbosa.

Joana D’Arc Lima



Javari - Homenagem a Dom e Pereira, 2022
Acrílico sobre tela
120x240cm (triptico)



Floresta com pássaro verde, 2022
Acrílico sobre tela
110x210cm (triptico)



A floresta de pinho em caçador I, 1990
Acrílica sobre papel
75x55cm



A floresta de pinho em caçador II, 1990
Acrílica sobre papel
75x55cm



A floresta de pinho em caçador III, 1990
Acrílica sobre papel
75x55cm



Anjo da paz I, 2018
Acrílica sobre tela
88,5x35,3cm



Anjo da paz II, 2018
Acrílica sobre tela
88,5x35,3cm



Anjo da paz III, 2018
Acrílica sobre tela
88,5x35,3cm



Anjo da paz IV, 2018
Acrílica sobre tela
88,5x35,3cm



Anjo da paz, 2018
Massaranduba e jatobá
59x29cm



Ori, 2022
Acrílico sobre tela
110x70cm



Brasil ame-o ou deixe-o, 1970
Acrílico sobre papel
100x70cm



O encanto da floresta, 2018
Acrílico sobre tela
100x100 cm



O Grande Peixe I - Alexandre III, 2022
Acrílica sobre tela
70x110cm



O Grande Peixe II - Nefertiti en grès, 2022
Acrílica sobre tela
70x110cm



A Deusa, 1978
Acrílica sobre papel
70x100cm



Gradiva, 1979
Acrílica sobre papel
70x100cm



Ogunhê, 1981
Acrílica sobre papel
70x100cm



Le bordel, 1979
Acrílica sobre papel
70x100cm



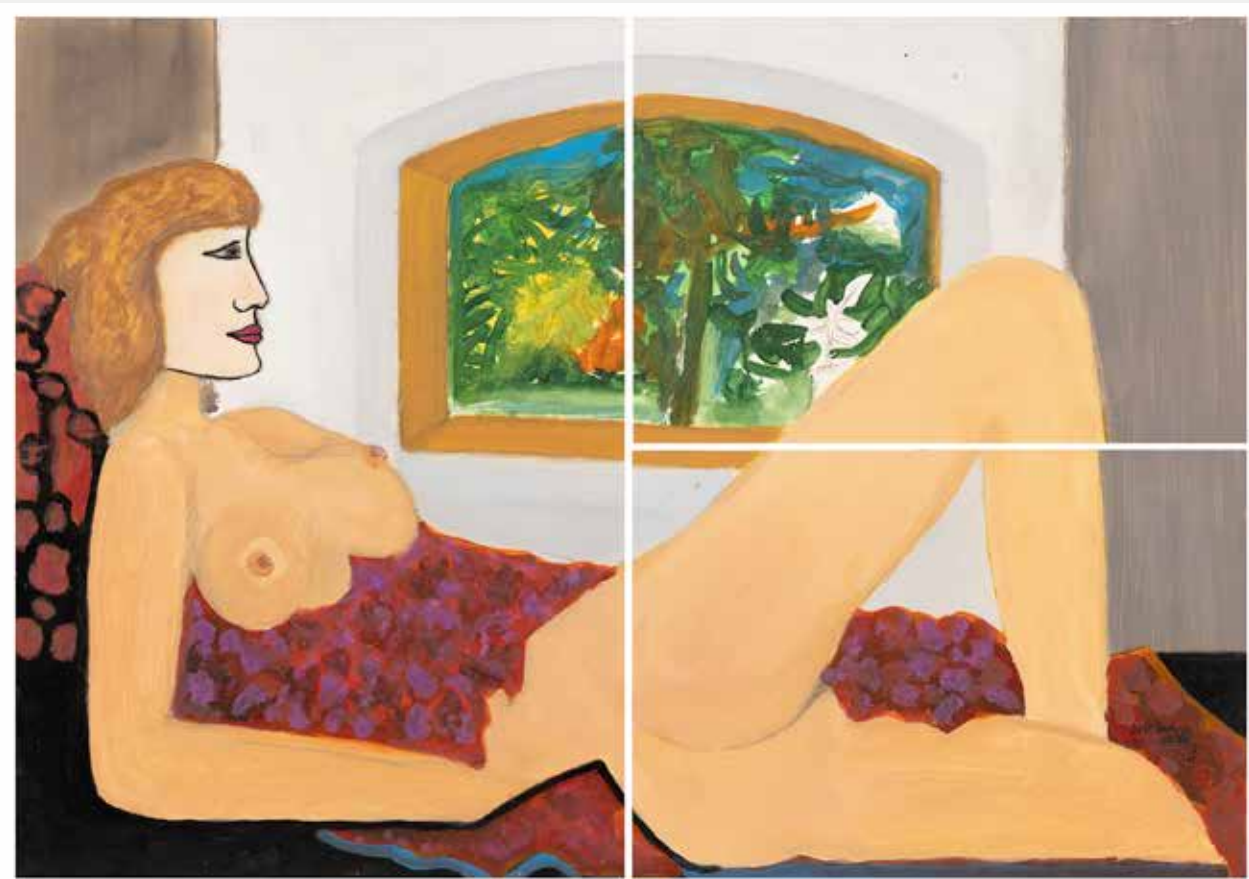
Heroédipus, 1981
Acrílico sobre papel
100x70cm



Espelho do céu, 2013
Acrílico sobre papel
100x70cm



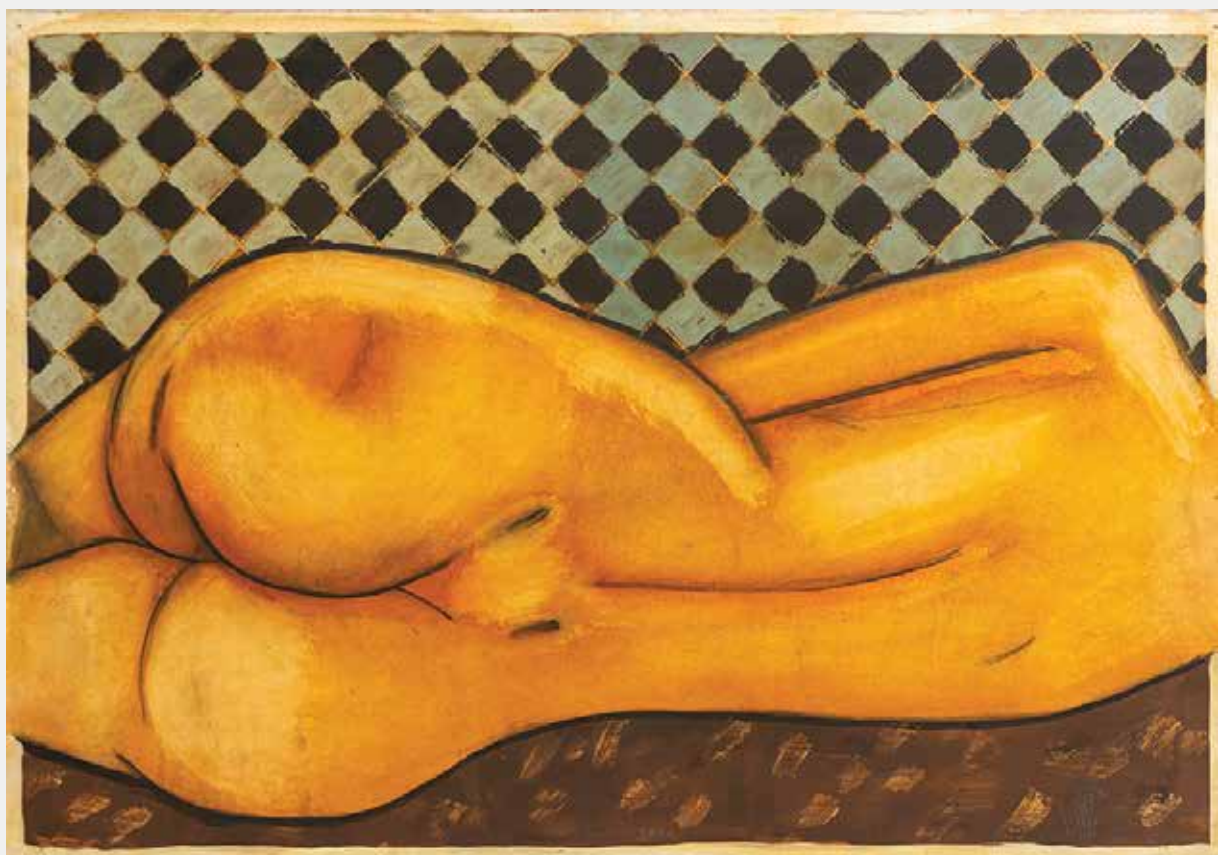
A casa de Ghita, 1991
Acrílica sobre papel
65x92 cm



No terraço de Ghita, 1991
Acrílica sobre papel
100x70cm



Paisagem Javre, 2011
Acrilica sobre papel
55x75cm



Dorso bunda II, 1980
Acrilica sobre papel
100x70cm



Dorso bunda I, 1980
Acrílica sobre papel
100x70cm



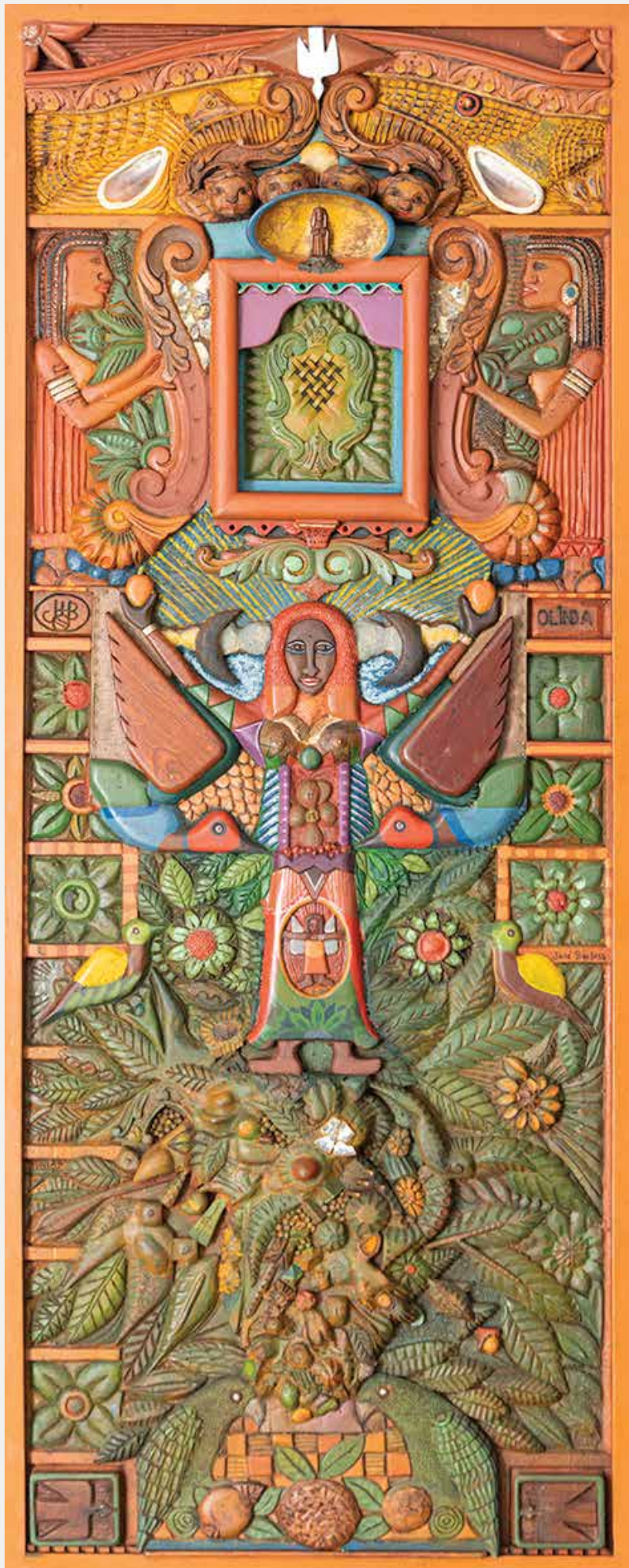
Figura sentada de costas, 2006
Acrílica sobre papel
50x70cm



A espera, 1983
Acrílica sobre papel
70x100cm



Sankofa, 2021
Escultura em madeira (pinho de riga e
massaranduba)
31,5x0,24x0,5cm



Porta da criação, 2017
Cedro policromado
2,13x0,84 cm



José Barbosa da Silva

José Barbosa da Silva (Olinda/PE, 1948). Pintor, desenhista, entalhador, escultor, ilustrador e gravador. Filho do marceneiro e restaurador Ernani Ricardo da Silva, entalha arcas para antiquário na marcenaria de seu pai no Mercado da Ribeira, em Olinda. Em 1963, com o incentivo do pintor Adão Pinheiro, inicia carreira artística. Nessa mesma época, integra e organiza o Movimento de Arte Ribeira, que conta com a participação de João Câmara, Vicente do Rego Monteiro e Guita Charifker. Organiza o 1º Salão de Arte Popular em Natal, com Janete Costa, em 1965. No mesmo ano, muda-se para o Rio de Janeiro, e participa do início da tropicália, do cinema novo e da nova figuração, além de estudar gravura em metal com o professor Orlando da Silva. Em 1967, realiza esculturas para o Hotel Savoy. Em 1972, parte para a Europa, residindo na Alemanha e na França até 1978, quando regressa ao Brasil. Em 1976, trabalha em ateliê com Roseline Granet e Jean Paul Riopelle, em Meudon, França. Retorna ao Brasil em 1978 vivendo entre Rio de Janeiro, Olinda e Balneário Camboriú, no sul do país. Desde 2000 se reinstalou em Olinda, onde trabalha e reside atualmente.

JOSÉ Barbosa. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9104/jose-barbosa>. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

EXPOSIÇÃO
JOSÉ BARBOSA
A ESCUTA DO TEMPO - JAVARI

CONCEPÇÃO
Christiana Asfora Cavalcanti

CURADORIA
Joana D'Arc Lima

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Carol Moura
Christiana Asfora Cavalcanti
Stella Mendes

AUDIOVISUAL
Hermes Costa Neto

FOTOGRAFIAS
Gustavo Bettini

COMUNICAÇÃO VISUAL
Carla Asfora

MONTAGEM E ILUMINAÇÃO
GF Montagens

MOLDURAS
Luizinho Molduras

SINALIZAÇÃO
Uzesign

ASSESSORIA DE IMPRENSA
Voz Comunicação



CHRISTAL
GALERIA

R. Estudante Jeremias Bastos, 266

Pina - Recife, PE. 51.011-040

Tel: +55 81 98952 7183

recepcao@christalgaleria.com.br

Acesse nossas redes
clikando nos ícones:

